

COLÉGIO PEDRO II
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
ARTES VISUAIS**

Gaya Portella Serra

**ARTE COMO DISPOSITIVO DE RECONEXÃO COM A
NATUREZA**

Rio de Janeiro

2025



Gaya Portella Serra

ARTE COMO DISPOSITIVO DE RECONEXÃO COM A NATUREZA

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado à Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

Orientadora Professora Ma. Erika Machado Njaime

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S487 Serra, Gaya Portella
Arte como dispositivo de reconexão com a natureza / Gaya Portella
Serra. – Rio de Janeiro, 2025.

18 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso
(Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II. Pró-
Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Erika Machado Njaime.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Natureza. 3. Consciência
ambiental. 4. Meio ambiente - Aspectos sociais. 5. Transdisciplinaridade. I.
Njaime, Erika Machado. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Gaya Portella Serra

ARTE COMO DISPOSITIVO DE RECONEXÃO COM A NATUREZA

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado a Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Professora M.^a Erika Machado Njaime
Colégio Pedro II / DAV / EEAV

Professora D.^a Camila Nagem Marques Vieira
Colégio Pedro II / DAV / EEAV

Professora M.^a Raquel Teixeira de Souza
Colégio Pedro II / DAV/SFEAV

Rio de Janeiro
2025

ARTE COMO DISPOSITIVO DE RECONEXÃO COM A NATUREZA

Resumo: O artigo explora a relação entre arte e natureza, destacando como o contato com as manifestações artísticas podem contribuir para o desenvolvimento de uma consciência socioambiental crítica em crianças e adolescentes. A partir de revisão bibliográfica e análise documental, abordamos a problemática da desconexão dos jovens com o mundo em que vivemos. Ao analisar diálogos entre práticas artísticas e questões naturais, buscamos demonstrar a capacidade da arte de promover o autoconhecimento, a empatia e a valorização do meio ambiente. Destacamos a importância da articulação entre diferentes áreas do conhecimento em prol da ampliação da consciência ambiental.

Palavras-chave: arte; natureza; consciência ambiental; educação; transdisciplinaridade

ART AS A TOOL FOR RECONNECTING WITH NATURE

Abstract: The article explores the relationship between art and nature, highlighting how engagement with artistic expressions can support the development of critical socio-environmental awareness in children and adolescents. Through a literature review and document analysis, we address the issue of young people's disconnection from the world we live in. By examining the dialogue between artistic practices and environmental issues, we aim to demonstrate art's ability to promote self-awareness, empathy, and appreciation for the environment. We emphasize the importance of integrating different fields of knowledge to broaden environmental awareness.

Keywords: art; nature; environmental awareness; education; transdisciplinarity

1 INTRODUÇÃO

Arte e natureza estão entrelaçadas desde o início da humanidade. As primeiras formas de expressão de que se tem registro são desenhos feitos em pedras, com pigmentos extraídos do sangue, da terra, de plantas e ossos. Pinturas rupestres e as mais antigas esculturas retratam, em sua maioria, animais e formas humanas. Isto é, somos inspirados pela força e a beleza do mundo natural desde a nossa origem.

Hoje, alguns milênios depois, vivemos a Era Digital. Se, por um lado, temos o mundo ao alcance das mãos, nunca estivemos tão desconectados de nossa natureza. Grande parte das crianças urbanas atravessa essa fase distante dos ambientes naturais e do conceito de que somos parte do todo, somos animais, seres naturais. Sem contato com o ócio e imersa em telas, a infância nas grandes cidades perde, entre inúmeras outras coisas, muito do potencial criativo, imagético e encantador que o mundo externo oferece.

Quando criamos através da música, da dança, do desenho, do teatro ou qualquer outro tipo de linguagem artística, trazemos o que está dentro de nós para o mundo exterior. Tornamos palpáveis os nossos sentimentos e conseguimos compartilhá-los com quem nos observa. A arte tem essa força: transformar emoções em algo visível e impactar aqueles que se deixam tocar por ela. Ora, se tanto a natureza quanto a arte têm em comum a capacidade de tocar os indivíduos dispostos a se envolver, como a arte pode ajudar a salvar a humanidade de si mesma? Pode a arte colaborar na formação de crianças mais conscientes? Qual o seu papel na formação de cidadãos conectados com a sua essência, isto é, a sua identidade mais profunda? Na era da comunicação em massa, as linguagens artísticas ganham destaque e alcance nunca antes sonhados. De que maneira elas podem ajudar a comunicar e estampar o óbvio que ainda precisa ser lembrado a todo tempo? E como as artes podem impactar as pessoas, no que diz respeito a importância de cuidar do que é vivo hoje?

A partir da leitura dos estudos sobre o “déficit de natureza”, que aparecem no livro *A última criança na natureza*, de Richard Louis, percebi em minha prática a necessidade de abordar temas que enfatizem mais o envolvimento do que o desenvolvimento. Dessa forma, a proposta apresentada busca explorar a relação entre arte e a tomada de consciência socioambiental. Através do autoconhecimento proporcionado pela arte, é possível aproximar as crianças da natureza que são, recriando o vínculo entre o ser humano e o natural. Com isso, torna-se viável refletir e dialogar sobre o potencial das artes visuais para comunicar, alertar e transformar as novas gerações, já tão influenciadas pela lógica do capital.

2 (DES)ENVOLVIMENTO

Frequentemente o termo “desenvolvimento” é utilizado atrelado à ideia de “progresso”. Desenvolver, então, pode significar crescimento, aumento de capacidade, aprimoração, evolução. À primeira vista, essas palavras não soam mal. No entanto, se ligado ao sistema em que vivemos, que visa o lucro e o acúmulo de capital, o desenvolvimento, para aquele que detém os meios de produção, passa a ser uma meta, acima de tudo e de todos, não importando qual caminho se trilhou para desenvolver o que quer que seja. Por outro lado, “envolver”, segundo o dicionário Oxford Languages, enquanto verbo transitivo direto, significa conquistar a atenção, a admiração, o desejo ou o afeto. Envolver é atrair, cativar. O professor Antonio Bispo dos Santos (2023) chama atenção para o uso de palavras colonizadoras e a importância de transformar a forma de comunicar. Para o ambientalista Ailton Krenak, temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver (2020). Só através do envolvimento, podemos olhar com cuidado para o nosso entorno e entender que

somos parte dele.

Antes mesmo de dominar códigos linguísticos, expressamos nosso encantamento para além das palavras. Se pensarmos a arte como um sistema simbólico, também os símbolos estão associados à natureza desde a pré-história. Para o fundador da psicologia analítica, Carl Jung (1964), todo o cosmos é um símbolo em potencial. Segundo a psicóloga Aniela Jaffé, em seu texto para o livro de Jung, *O Homem e seus símbolos*, a pedra e o animal, por exemplo, tiveram significações psicológicas desde as mais primitivas expressões da consciência até as mais sofisticadas formas de arte do século passado. Para ilustrar, ela cita uma frase do pintor Max Ernst, impressionado com a capacidade artística da natureza:

"Trabalhamos grandes e pequenos blocos de granito, na moraina da geleira Forno. Maravilhosamente polidos pelo tempo, pela geada e pelas intempéries, eles já são fantasticamente belos por si mesmos. Mão humana alguma consegue fazer isso. Portanto, por que não deixar o trabalho essencial à natureza e nos limitarmos a rabiscar sobre essas pedras as ruínas do nosso próprio mistério?" (1964, p. 314)

Assim como não conseguiríamos imaginar a história da humanidade sem os registros artísticos deixados por nossos antepassados, que nos ajudam a entender toda a cronologia e o desenvolvimento da nossa espécie, não há como dissociar a história da arte da natureza. A questão é que ao longo das últimas décadas, a humanidade vem se afastando cada vez mais de sua própria origem. Isto é, vem colocando as temáticas que envolvem elementos naturais como algo separado do que somos. O dia a dia nas metrópoles se aproxima mais da inteligência artificial do que do resto da vida terrestre. O artista Hélio Rodrigues, em seu livro "Arte-Educação pela dinâmica das práticas reflexivas", diz:

"[...] Não somos mais as engrenagens da máquina industrial, mas somos os próprios produtos, expostos nas redes sociais, como também os consumidores, constantemente classificados pelos algoritmos que invadem nossos desejos e manipulam nossas escolhas. A partir disso e sem nos darmos conta, passamos a viver emoções anestesiadas." (2023, p.169)

Resultado desta anestesia e do descaso com o planeta e tudo que ele vem tentando comunicar de diversas formas é o aumento dos desastres ambientais que vivemos hoje. Dados recentes indicam que, em 2024, o Brasil registrou um aumento de 30% nas enchentes e queimadas em relação ao ano anterior (IBGE, 2024). Fenômenos como o desmatamento na Amazônia e a intensificação de eventos climáticos extremos são reflexos claros das ações humanas sobre o meio ambiente. Se continuarmos fechando os olhos e ouvidos para os sinais que a Terra manda, nossa existência não durará por muito tempo.

Como nos tornamos tão desapropriados de nós mesmos? E como a arte se insere nesta questão? Pode ela, enquanto linguagem, ajudar a natureza a expressar o que ela vem tentando e não consegue? Será que o contato com a arte pode nos alertar no sentido de nos deixar mais atentos ao que realmente importa?

Ainda segundo Rodrigues: "Se podemos considerar a arte como uma linguagem, é preciso também considerá-la promotora de diálogos, nos quais se incluem as conversas da criança com ela mesma e dela com o mundo." (2023, p. 167). Ora, se queremos crianças conectadas que cuidem do planeta, é preciso estimular o contato delas com a natureza desde cedo, afinal, só cuidamos do que amamos e só amamos o que conhecemos. A partir deste contato, através de propostas artísticas, podemos desde cedo estabelecer uma conexão emocional profunda com o ambiente natural ao nosso redor.

Dentro de sala de aula, grande parte dos meus esforços consiste em fazer as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental perceberem que somos todos parte da natureza. Através de diversas práticas envolvendo esculturas, fotografias, desenhos e pinturas, além de elementos e tintas naturais, a intenção é que o fazer artístico se misture com essa tomada de consciência de si e do ambiente que nos cerca.

2.1 A natureza também tem alma

A partir da frustração com a falta de cuidado da sociedade como um todo em relação à natureza, podemos questionar: estamos sendo eficientes ao comunicar às novas gerações o estrago que as últimas causam ao planeta? As culturas ancestrais indígenas, ao longo de milhares de anos, sempre deram conta de passar adiante a necessidade de estar em harmonia com o resto do cosmos. Seja pela tradição oral, pelos cantos ou através dos grafismos, a natureza sempre esteve em primeiro lugar. Será possível retomarmos nossa consciência terrena? Para Edgar Morin, o objetivo fundamental de toda educação é transformar a espécie humana em verdadeira humanidade. Isto é, promover a consciência de que nós somos seres mortais, habitando a mesma esfera viva e que precisamos nos unir e responsabilizar por ela.

"A arte é contemplação. É o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que a natureza também tem alma." Esta frase atribuída a Auguste Rodin pareceu nortear meu trabalho desenvolvido no último ano. Perceber a arte como uma forma de descobrir a essência da natureza e da vida é fundamental se quisermos explorar a profundidade do mundo. Ao projetar imagens do fotógrafo Araquém Alcântara, as reações das crianças em sala de aula diante do fogo trouxeram a certeza de que ainda não estamos totalmente anestesiados. As fotos dos incêndios florestais provocaram as sensações esperadas: desamparo, desespero, vulnerabilidade, impotência. Se alguns meses antes, na mesma turma, houve enorme espanto ao trazer a ideia de que somos todos animais, vê-las sendo tocadas de corpo e alma pela arte e pela natureza foi um grande avanço. A partir de um exercício com luz e sombra, pedi que esboçassem as reações sentidas com as imagens através do corpo e cliquei os resultados.

Figura 1: Floresta em chamas



Figura 2: Floresta em chamas 2



Fonte: Acervo da autora

2.2 Preocupação

Além de fonte de inspiração, a natureza também é campo de estudo de muitos artistas. Inclusive, há tempos, sua destruição vem sendo alertada por artistas das mais diversas linguagens da arte. Há mais de 30 anos, o compositor Antonio Carlos Jobim narrava sua *Visão do Paraíso*, em filme do mesmo nome. No documentário, além de expressar sua preocupação com as florestas, Tom Jobim revela também sua imensa gratidão, principalmente à Mata Atlântica. Isso porque o músico foi muito influenciado pela natureza do Rio de Janeiro e do Brasil como um todo, criando obras famosas no mundo inteiro, como *Águas de Março* e *Sabiá*. O pintor, escultor e fotógrafo Frans Krajcberg também deixa clara a sua revolta com as queimadas em entrevista para o filme: “como é possível destruir tanta riqueza quando tem tanta pobreza?”. A obra de Krajcberg é referência quando se pensa em obras que alertem para a consciência ambiental. O artista utiliza madeira coletada após incêndios florestais para criar suas esculturas. Krajcberg é pioneiro na integração entre arte e natureza e seu legado serviu de inspiração em alguns dos exercícios propostos em sala de aula ao longo do ano. Em uma turma de segundo ano, as crianças fizeram suas versões das esculturas em carvão e argila, materiais também de origem natural e que conversam com o fogo,



RELEITURAS EM ARGILA E EM CARVÃO DA OBRA DE FRANS KRAJCBERG, 2024



PROCESSO CRIATIVO DE RELEITURA EM ARGILA DA OBRA DE FRANS KRAJCBERG, 2024



VISTA DA INSTALAÇÃO DE FRANS KRAJCBERG NA 32ª BIENAL DE SÃO PAULO, 2016

Criado em 2013, o LABVERDE é também um grande exemplo quando se trata de desenvolver linguagens artísticas sobre o meio ambiente. Reunindo artistas, cientistas e indígenas para reconhecer e narrar a natureza, a plataforma transdisciplinar baseada na Amazônia brasileira, atua na construção de conhecimentos, organizando diversos eventos e publicações com o intuito de “coimaginar” novas formas de estar no mundo. Durante a exposição, promovida por eles, *Devir Paisagem*, ocorrida de fevereiro a março no ano de 2024 na Galeria Diferença em Lisboa, são apresentados diálogos entre paisagem e memória. Criado por um coletivo de mulheres, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), o projeto articula uma rede de pessoas e instituições locais e internacionais em prol da preservação da sociobiodiversidade dos ecossistemas naturais. Como a paisagem vem se transformando, devido às mudanças climáticas e de que forma a memória - e a arte - podem ajudar a enfrentar tais transformações. A artista Patrícia Bárbara é uma das que expõe, apresentando belíssimas fotografias que ajudam a pensar a relação de nossos corpos com a natureza que somos.



FONTE: INSTAGRAM @ABONECACONCEITUAL
<https://www.instagram.com/p/CMd3QjLJrNa/?igsh=ZmNiZGxtbHVpaHdl>

Ainda experimentando visualizar nossos corpos atrelados à natureza, a artista visual Efe Godoy tem uma vasta obra que une recortes fotográficos com aquarelas de flores e plantas. Por brincar com nosso imaginário de forma lúdica, sua obra é super interessante para crianças, podendo ser facilmente meio de estudo do eu-natureza em sala de aula. Suas aquarelas me remetem ao livro *Misturichos*, onde as autoras Beatriz Carvalho e Renata Bueno, ilustram misturas de bichos, como o “tubaranso” e o “rinostruz”. Ao invés de misturar dois animais, Efe Godoy utiliza retratos antigos, completando os corpos humanos como se fossem parte da flora, transformando-os em plantas, tornando visível essa nossa conexão com o mundo natural.

A partir dos trabalhos das duas artistas, é possível se inspirar e pensar diversas formas de introduzir e desenvolver em sala os autorretratos. A autorrepresentação é um exercício bastante rico na criação e afirmação identitária. Através dela, acessamos características físicas mas também sentimentos de pertencimento e apropriação de si. Assim, experimentar unir elementos naturais com que se identifique a si mesmo, pode ser interessante se queremos resgatar essa relação com a natureza. Ambas mostram que é possível fazer isso de diversas formas.



FONTE: INSTAGRAM @EFEGODOY

<https://www.instagram.com/p/DHoOPMGMhxq/?igsh=eTM1dHNocXRkOWRs>



FONTE: INSTAGRAM @EFEGODOY <https://www.instagram.com/p/DGgoXb6xrgH/?igsh=a2VzdGdoYmJvcXpk>

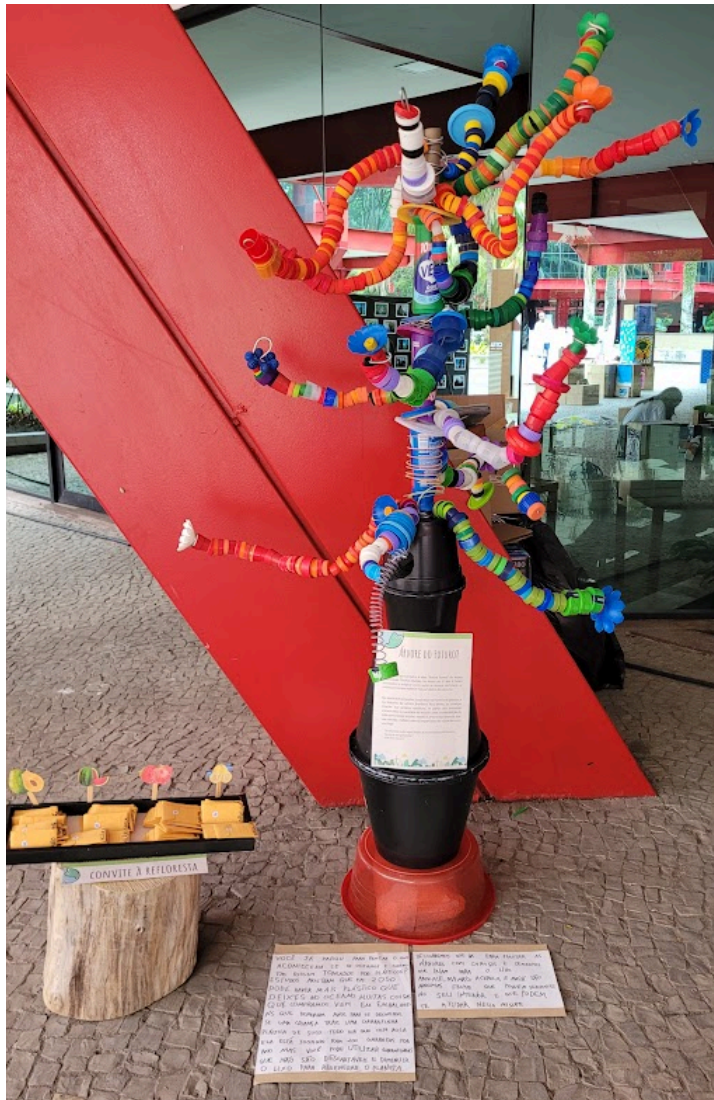


EXEMPLOS DE AUTORRETRATOS UTILIZANDO MATERIAIS NATURAIS, COMO SAL, BARRO E GRAVETOS.
FONTE: ACERVO PRÓPRIO, 2022

2.3 Mudança de paradigma

Ao longo de todo o percurso na Educação Básica, as crianças e adolescentes deveriam ter a possibilidade de estar em contato com as diversas linguagens da arte. Ao menos é o que prevê a BNCC, mas sabemos que são poucas as escolas que oferecem essas possibilidades. A elas também são ensinados história, geografia, matemática, ciências, português. É preciso parar e olhar com atenção para a formação de cidadãos que estamos propiciando nas escolas. Analisar de que maneira estamos apresentando conceitos básicos de ecologia e empatia. Relacionando as competências gerais da educação básica previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como cooperação, responsabilidade, cidadania, autoconhecimento e argumentação é possível estimular os alunos a pensar e comunicar formas sustentáveis de viver.

Utilizar diferentes linguagens possibilita autoconhecimento, exercício de empatia, valorização da diversidade, entre outros elementos fundamentais na formação de cidadãos conscientes. Desta maneira, uma abordagem transdisciplinar se faz necessária na aquisição dos conhecimentos sobre o nosso contexto planetário. Quando passamos a organizar os pensamentos de forma que eles dialoguem entre si, fica mais fácil entender a relação de interdependência entre homem e natureza. “O que move a arte é o enraizamento profundo da forma nas potências expressivas da natureza”: Para o curador Mario Doctors (2019, p. 219), preservar essa pulsão é essencial para que a arte encontre maneiras de proteger a natureza antes que ela se perca pela destruição do planeta. Atrelar o fazer artístico com o envolvimento e sentimento de pertencimento das crianças ao mundo natural é uma forma de torná-las mais críticas em relação aos cuidados com o planeta. Por isso, a arte e propostas interdisciplinares que a envolvem são ferramentas riquíssimas para ressignificar a nossa relação com a biosfera. Montar maquetes com as crianças sobre o ciclo da água, por exemplo. Uma maquete bem elaborada ajuda a entender porque o concreto é prejudicial ao ciclo da água e ajuda a causar os grandes alagamentos. Ou, ainda, fazê-las juntar todo o lixo seco produzido ao longo de um determinado período e analisar junto com elas o ciclo do consumo, para depois propor alguma forma de arte com esse material. Inspirado pelo artista Thomas Dambo, que criou a Future Forest, uma floresta de plástico, o primeiro ano montou sua própria árvore de tampinhas. Os alunos ficaram bastante impressionados com a quantidade de tampinhas e embalagens que conseguiram juntar em poucos meses e partiu deles a ideia de plantar mais árvores reais “para afastar a ideia de um mundo de plástico”.



ÁRVORE DE PLÁSTICO, ACERVO PRÓPRIO, 2024

Trazendo o conceito de que muitas plantas têm propriedades medicinais e que os povos que vivem na floresta se beneficiam desses poderes para tratar enfermidades, foi muito interessante notar a reação dos alunos, passando a ver na floresta uma grande farmácia. Depois de mostrar diversos tipos de plantas - que crescem pra cima, que caem pendentes, que tem raízes na água, que têm espinhos, e tantas outras mais -, cada aluno criou sua própria planta com poderes inventados por eles. No final, formamos um lindo jardim com pinturas feitas utilizando tintas minerais e naturais, conhecimento que adquiri - e passei adiante - fazendo o curso ministrado pelo maravilhoso artista Jhon Bermond. Nosso Jardim Encantado mostrava uma coleção de plantas e flores quase tão poderosas quanto as do mundo real.



JARDIM ENCANTADO. ACERVO PRÓPRIO, 2024

A potência da arte atrelada às diversas áreas do conhecimento é quase infinita. A partir dos dados analisados e dos estudos em sala de aula, foi observado que essa interdisciplinaridade é muito produtiva quando se trata de reconexão com o eu interior e com a natureza que nos cerca. Unindo imagens como, por exemplo, as de nossas digitais com as de troncos de árvores, conseguimos a atenção dos alunos para as semelhanças entre nós e nosso entorno. A proximidade com a terra ajuda a elaborar internamente que além de produzir grande parte do que comemos, também dela nasce uma vasta gama de cores que podemos transformar em tinta, em giz, além de podermos com a terra modelar objetos e esculturas. Aliás, o contato com o barro, além de desenvolver a percepção, a imaginação e a criatividade, aguça os sentidos, ajudando a conectar mente e corpo. Ver uma floresta de plástico causa tamanho estranhamento que gera reflexão em relação às embalagens plásticas. As experiências vividas no ateliê poderiam ser citadas por muito tempo, tendo em vista as inúmeras possibilidades de abordar as conexões humanas através das linguagens da arte. Apresentar às crianças, o quanto antes, o que quer que seja que possa servir como ponto de partida para diálogos a respeito da nossa natureza e nossa relação com o planeta em que vivemos. Existe inspiração maior do que o mundo natural?

6 CONCLUSÕES

O futuro da humanidade não são as crianças, mas nós, os adultos de hoje. É de nós que elas herdam as culturas, os costumes, crenças, suas bases. Somos o espelho do que elas serão. Por isso, é fundamental recalculiar a rota antes que seja tarde demais. Assim, a ideia é que consigamos, através da integração dos diferentes conteúdos, passar para as novas gerações a importância de estarmos conectados com o planeta, esse ser vivo em que habitamos.

As artes no geral têm imenso potencial enquanto aliadas na formação de cidadãos mais conscientes. Não nos faltam referências de artistas que conversam diretamente com elementos e questões naturais. Além disso, sempre estiveram conectadas com diversas áreas do conhecimento. Charles Darwin, por exemplo, em suas expedições no século XIX levava consigo um livro de nomenclatura das cores. Assim como Leonardo da Vinci, alguns dos grandes cientistas poderiam ser considerados artistas e vice-versa. Através da

transdisciplinaridade é possível trazer à luz questões fundamentais da nossa sociedade com mais clareza, uma vez que associamos diferentes conhecimentos. Infelizmente as questões ambientais não têm a devida importância na sociedade capitalista.

No entanto, iniciativas como a Labverde e as de tantos cientistas e artistas independentes, fazem a esperança permanecer. Enquanto houver gente acreditando e transmitindo essa crença num futuro melhor adiante, a vida ainda pode brotar, ainda que seja por entre as frestas do concreto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023

JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

KLABIN, Israel (org.). Vinte e cinco mais vinte e cinco - sustentabilidade: o estado da arte. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2019.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

LABVERDE <https://www.labverde.com/> - Acessado em 30/03/2025

LOUV, Richard. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016

MORIN, Edgar, 1921- Os sete saberes necessários à educação do futuro / Edgar Morin ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000. OXMAN Neri: Bioarquitetura. ABSTRACT: The art of Design. 2019, Netflix. Disponível em:

<https://www.netflix.com/watch/80237094?trackId=255824129&tctx=0%2C0%2C23b7d277-8982-4cfe-b990-8e762b4b8b4e-160732024%2C23b7d277-8982-4cfe-b990-8e762b4b8b4e-160732024%7C2%2Cunknown%2C%2C%2CtitlesResults%2C80057883%2CVideo%3A80237094%2CdetailsPageEpisodePlayButton> - Acessado em 30/03/2025

RODRIGUES, Hélio. Arte-educação pela dinâmica das práticas reflexivas. São Paulo: Scortecci, 2023

Enxugando Gelo. Flora Thomson-DeVeaux. Rádio Novelo, 6 de Fevereiro de 2025. Rádio Novelo Apresenta. Disponível em:

<https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/enxugando-g> - Acessado em 30/03/2025

Frans Krajcberg

1921, Kozienice, Polônia. Vive em Nova Viçosa, Bahia, Brasil

<http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2552> - Acessado em 30/03/2025

Visão do Paraíso: A Mata Atlântica Vista por Tom Jobim. DIREÇÃO Flávio Ramos Tambellini. Produção para Videofilmes, 1994.